

As mulheres e a violência de nossos tempos¹

Elisa Alvarenga

O contexto na América e na AMP

Agradeço aos colegas da NEL-Guatemala pelo convite para estar aqui com vocês, e falar de um tema que tem sua pertinência para os países da FAPOL (Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacanianana), como a Guatemala e o Brasil. A psicanálise de orientação lacanianana está presente em vários países da América Latina, que têm muitos problemas sociais em comum: a violência, as drogas, as diferenças sociais, a pobreza. A violência contra as mulheres se apresenta no marco da feminização do mundo, já assinalada por Jacques-Alain Miller no Curso *O Outro que não existe e seus comitês de ética*². Tanto no Brasil, onde uma lei visa proteger as mulheres da violência perpetrada pelos homens, como em vários países da NEL, os índices de feminicídios são muito importantes - especialmente na Bolívia - e objeto de reflexões de vários colegas. Para nós, não se trata somente de proteger as mulheres de seus algozes, mas de protegê-las de seu próprio modo de gozo.

Em uma conversa com professores universitários de um programa de pós-graduação em psicologia social e violências políticas na Guatemala, tivemos a surpresa de escutar uma pergunta de uma professora experiente: como a psicanálise pode nos ajudar a entender o que faz com que essas mulheres, após denunciarem seus homens e colocá-los na prisão, vão retirá-los dali para continuarem a viver com eles? Os impasses do gozo feminino estão presentes em todo o mundo e o discurso do mestre não sabe como domesticá-lo: nem com o pai, nem com as cifras das estatísticas.

Leonardo Gorostiza, Presidente da Associação Mundial de Psicanálise, nos propôs esta questão: como a AMP e suas Escolas, e também os Institutos do Campo freudiano, podem abrir perspectivas para a psicanálise no século XXI?

A AMP foi reconhecida como uma ONG consultante especial pela Organização das Nações Unidas (ONU) e participou na sessão 57 da "Comissão da condição das mulheres" de seu Conselho Econômico e Social. Miquel Bassols, próximo Presidente da AMP, enviou nosso ponto de vista sobre o caráter universal e transversal da violência contra as mulheres, em lugares e épocas distintos. Um exemplo que me ocorre é a figura do homem das cavernas, imemorial, arrastando sua mulher pelos cabelos. Essa cena aparece no testemunho de passe de um AE brasileiro, Sérgio de Campos, que nos conta como seu pai, quando ele tinha nove anos de idade, o puxou pelos cabelos para tirá-lo da casa do avô materno. Os pais haviam se separado e o menino queria ficar com a mãe, o que fez com que o pai o arrastasse de lá, diante de todos, para sua enorme vergonha, enquanto ele se identificava à mãe que sofria a violência do pai.

Do universal ao singular

A universalidade da violência contra a mulher pode ser atribuída a dois fatores:

1. A diferença sexual, que gera assimetria, e não complementaridade, entre os sexos.

2. A agressividade constitutiva do sujeito em relação a seus semelhantes, que já aparece na constituição do eu, que passa pela imagem especular.

A ordem masculina é uma ordem patriarcal, na qual o poder e o controle estão concentrados na figura de exceção, como o pai da horda primitiva no mito freudiano de "Totem e tabu". Em contrapartida, o que chamamos uma ordem feminina surge quando já não há a instância reguladora do pai e dos

ideais, e por isso é uma ordem horizontal, na qual não há exceção. Costuma manifestar-se como uma ordem de ferro, com normas e nomações segregativas, segundo vários modos de gozo. Um exemplo é o grupo Femen, composto por mulheres feministas que protestam nuas e convocam a ordem masculina para contê-las e eventualmente prendê-las.

O ato violento pode ser definido a partir da recusa do diferente, do heterogêneo a si mesmo.

A violência contra as mulheres ataca nelas o hétero, a diferença, e por isso pode se manifestar também contra os homens homossexuais. Um exemplo é um paciente psicótico internado depois de atacar vários homossexuais, nos quais localiza um gozo que não reconhece como seu. Outro exemplo é um homem que mata sua mulher, por ciúmes aparentemente delirantes, e depois se automutila até a morte. Mata em si mesmo o que o agitava e que não podia reconhecer como próprio. Um terceiro exemplo é um menino de dez anos que se transformou em menina, pois desde os dois anos de idade não se reconhecia como homem e sim como mulher, tentando cortar seu pênis. Aqui também se trata de uma tentativa de fazer cessar um gozo invasivo, excessivo, que perturba e sacrifica o organismo.

Do lado das mulheres, temos muitas vezes consentimento e submissão, que desafiam qualquer ação terapêutica e pedagógica para libertá-las contra sua vontade. Uma ação social no sentido de ajudá-las a denunciar e se verem livre do homem violento é muitas vezes um fracasso.

A psicanálise leva em conta as significações inconscientes da agressão e da submissão e tem por princípio aceitar a diferença sexual e escutar o feminino que existe em cada sujeito, homem ou mulher. Sabemos que há homens femininos e mulheres masculinas e isso nos ajuda a lutar contra a segregação do hétero que há em cada um, que poderia ser também sua loucura.

A violência urbana e o domínio materno

Outro aspecto do problema que nos interessa particularmente é a violência urbana que cresce entre crianças e adolescentes e sua relação com a demissão do pai e o aumento do domínio materno. Sérgio Laia, colega brasileiro que investigou o tema, fala da importância do declínio do pai e da prevalência dos objetos de gozo e, mais especificamente, do imperativo de gozo materno, que nomeia seu filho para algo, dentro de uma ordem de ferro. Quando não há exceção paterna, temos uma exigência desmedida de gozo do supereu materno, e Lacan, em sua "Nota sobre a criança"³, se preocupa com a inscrição de um desejo que não seja anônimo. Lacan fala do fracasso das utopias comunitárias, nas quais os filhos seriam criados para o mundo. Ele fala da família como resíduo, reduzida à criança e o casal parental, e da importância dos cuidados maternos particularizados, nos quais se transmite seu desejo. Se a mãe reduz seus cuidados à satisfação das necessidades, podemos ter, por exemplo, como resposta uma anorexia, com a qual a criança faz valer seu desejo de outra coisa. É importante que a mãe transmita sua falta e portanto seu amor, segundo a definição do amor como dar o que não se tem. E que o pai dê seu nome, como encarnação da lei do desejo. Poucos anos depois, em *RSI*, Lacan dá um passo a mais quando invoca o pai que faz de uma mulher a causa de seu desejo, pondo na ordem do dia uma versão do pai vivo e desejante.

Há figuras familiares cada vez mais frequentes entre nós, nas quais a demissão do pai - porque abandona a mulher que tem um filho seu ou porque é incapaz de sustentar uma posição de desejo - deixa seu filho às voltas com um desejo materno que tenta compensar, com o filho, a ausência do pai. O amor materno pode chegar a fetichizar o filho como objeto, como o sugere Lacan e explicita Jacques-Alain Miller em seu texto "A criança entre a mulher e a mãe"⁴.

Essa fetichização do filho pode levá-lo a uma posição perversa na qual, com o crime, pensa poder dar tudo a essa mãe. Sem poder contar com a ajuda de seus parceiros, essas mulheres encarnam o patriarcado como o fiador, ainda que precário, da manutenção de uma família, e transferem sua angústia para o Outro corporificado na sociedade devastada pela violência urbana. O que também observa Mario Elkin Ramirez, nosso colega colombiano que escreveu sobre o fenômeno do "sicariato"⁵, no qual os filhos assim fetichizados se tornam chefes de gangues e matadores ligados ao tráfico de drogas⁶.

As mulheres de hoje e o supereu

Que relação existe entre as mulheres e a violência hoje? De que tempo se trata e que mulheres encontramos hoje?

Para Jacques-Alain Miller, a morte de Deus é contemporânea ao Nome-do-Pai, que corresponde à época freudiana da psicanálise. Lacan o formalizou para dar-lhe um fim em seu ensino com o matema $S(\bar{A})$, já presente no texto dos Escritos "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano"⁷, de 1960, e desde 1963, o pluralizou com os nomes do pai. Lacan não somente pluraliza o Nome-do-Pai, mas o pulveriza ao atacar, através do equívoco, o laço do significante com o significado. Os nomes do pai (*les noms du père*) se confundem com *les non dupes errant*, título do Seminário 21 ao qual Lacan é conduzido a partir de seu seminário *Mais, ainda*, que consagra a inexistência do Outro.

A inexistência do Outro inaugura a época lacaniana da psicanálise, a época da errância. Como dizia Jacques-Alain Miller em 2004⁸, o discurso analítico tem a mesma estrutura que o discurso contemporâneo, no qual o objeto *a* está no lugar de comando. A diferença é que, no discurso analítico, os elementos - o S_1 , o sujeito, o saber e o gozo - estão

ordenados, enquanto no discurso contemporâneo os elementos estão soltos, desordenados.

Uma civilização é um sistema de distribuição de gozo a partir de semblantes. O Édipo freudiano se funda em uma relatividade sociológica, na qual a função do pai está ligada à prevalência da família paternalista. Lacan anunciou, já em 1938, que as neuroses do século XIX pareciam ter evoluído até a grande neurose contemporânea, determinada principalmente pela carência do pai, ausente, humilhado. Com o Nome-do-Pai, Lacan formaliza este conceito do retorno a Freud e aponta para sua pluralização. A grande neurose contemporânea é determinada pela inexistência do Outro, consistente, garantidor, e isto condena o sujeito à caça do mais-de-gozar. Se o supereu freudiano apontava ao proibido, ao dever e à culpa, termos que fazem existir o Outro, o supereu lacaniano é um imperativo de gozo.

Freud atribuía às mulheres um supereu frágil e uma incapacidade para a sublimação, mas sua inserção massiva no trabalho desloca o problema. Em suas "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina"⁹, de 1958, Lacan confirma as capacidades sublimatórias da posição feminina e afirma que a dificuldade da sublimação é generalizada: tanto homens quanto mulheres estão determinados pelo isolamento em seu gozo, pela ascensão do objeto a ao zênite social. Os novos sintomas se originam aí.

Entre a subjetividade moderna mencionada por Lacan em 1953 e o sujeito contemporâneo de 58, explode a questão feminina, que nos interessa particularmente aqui.

Lacan propunha escrever como significante mestre do discurso capitalista o próprio sujeito barrado, \$, a vacuidade do sujeito, com o correspondente dever de viver e de gozar. Os direitos humanos das mulheres surgem então como direitos de controlar e decidir livre e responsavelmente sobre sua sexualidade, sua saúde sexual e reprodutiva, sem coerção, discriminação nem violência. É a

absolutização dos direitos do sujeito proprietário de seu corpo, que exclui estar a serviço das ambições globais de uma coletividade.

À medida que a posição feminina se afasta da tradição, a redução do número de filhos mostra que esta posição não se satura com a maternidade.

Feminização do mundo

Em seu Curso *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Jacques-Alain Miller e Éric Laurent falam da feminização do mundo a partir de uma frase de Freud em seu texto de 1932 sobre "A feminilidade"¹⁰. Freud afirma que os interesses sociais das mulheres são mais fracos que os do homem, assim como é menor sua aptidão para a sublimação pulsional. O primeiro derivaria do caráter insociável que é o traço inequívoco dos vínculos sexuais. As mulheres seriam as guardiãs do amor, do desejo e do sexo.

Freud fala como se a mulher fosse a fiadora das relações sexuais, ponto retomado por Lacan em suas "Diretrizes". As mulheres são mais sensíveis ao significante do Outro que não existe e seus interesses sociais são mais frágeis quando se trata do Ideal, com o qual elas têm menos relação que o homem. O que as torna mais sensíveis ao estado atual do Outro.

Quando falamos de feminização do mundo, diz Laurent, não nos referimos somente à quantidade de mulheres que agora ascendem a profissões antes reservadas aos homens, nem às virtudes femininas propostas por certos setores feministas ou intelectuais, que insistem que a política, o Outro do poder, necessita hoje mais de talento para os negócios do que de brutalidade, mais demonstrações de talento de como lidar com a impotência do que demonstrações de autoridade, nas quais ninguém mais acredita. As mulheres estariam especialmente capacitadas para isto, já que sempre

tiveram que negociar com as crianças sem poder dar provas de autoridade.

Porém, em contrapartida, outra face do Outro que não existe, já que não têm o Ideal para identificar-se, seria a escolha de objeto narcisista em que predomina o imaginário. Há uma relação feminina com a autoridade que não é somente a negociação. Tudo isso se põe à prova hoje com as mulheres em posições de poder. Vemos isto inclusive na América, em alguns países, como Brasil e Argentina, que têm mulheres, atualmente, como Presidentas. O que nos chega de notícia sobre a maneira como governam? Tenho a impressão que é muito distinta da maneira como se governa nos EUA, por exemplo com Hilary Clinton, ou na Europa, com Angela Merkel. Temos também o exemplo por excelência da dama de ferro que foi Margareth Thatcher e cuja morte foi celebrada, não faz muito tempo, por muitos ingleses. Podemos ver que há posições distintas em lugares distintos...

Éric Laurent considera que talvez a verdadeira feminização do mundo seja que as damas estão mais cômodas com o estado atual do Outro que não existe, seja na vertente do saber envolvê-lo com a doçura, seja de saber manter uma orientação quando todo o mundo parece estar muito perdido.

O que Freud atribuía às mulheres está hoje democratizado como o direito de cada um a gozar. É o que Miller chama em seu Curso "O ser e o Um"¹¹ de aspiração à feminidade. Diante das exigências da civilização, cada um se encontra como as mulheres, mantendo o direito e o valor da relação sexual convertida em um modo de gozar. O gozo de cada um se apresenta como um direito.

Poderíamos assim opor à época vitoriana, de Freud, a que Miller chama a época clintoniana. Se na primeira a culpa estaria no fato de gozar, muitas vezes clandestinamente, na segunda a culpa estaria ligada ao fato de não gozar, uma vez que o imperativo é gozar. À ausência

de referências, que em francês se diz *repère*, substituem-se a avaliação permanente e a suspeita generalizada. Como isto afeta às mulheres?

Os feminismos

O século XX viu o desenvolvimento dos feminismos, que foram mudando de forma ao longo do tempo. A época freudiana coincide, me parece, com uma versão do feminismo, e isso se explica, em psicanálise, pelo fato de que nem todas as mulheres aceitam encarnar o lugar do Outro sexo, e preferem localizar-se do lado masculino. A experiência do feminino, como advertiu Freud, pode ser insuportável, se ela é vivida apenas como castração, *Penisneid*. Lacan indica que há também um gozo suplementar, porém as mulheres muitas vezes não sabem o que fazer com ele.

Segundo Maria Josefina Sota Fuentes¹², ao longo do século XX, o feminismo avançou, mas teve dificuldades para definir o que é ser mulher. É possível distinguir três posições diferentes:

1. O feminismo que lutou pela igualdade da mulher em relação ao homem, fazendo-a desaparecer, paradoxalmente, sob a máscara masculina.

2. O feminismo que lutou pela preservação da mulher como distinta do homem.

3. O movimento pós-moderno, que busca desconstruir a identidade sexual baseada no dualismo masculino/feminino. Põe-se em questão a heterossexualidade, julgada obrigatória e restritiva. Judith Butler pergunta se não seria uma defesa contra uma homossexualidade decepcionada.

Simone de Beauvoir forneceu os elementos que deram origem ao feminismo que defende a igualdade entre homens e mulheres. "Não se nasce mulher, torna-se mulher". Só há um gênero, o humano. Sem essência, a mulher deve libertar-se da opressão corporal e do poder patriarcal. Simone de Beauvoir e Kate Millet denunciam que a teoria freudiana

seria datada pela Viena *fin-de-siècle* y que o *Penisneid* e o masoquismo feminino derivam da opressão do patriarcado, que mobilizaria a insatisfação feminina frente a seu inexpressivo lugar na sociedade. O que as mulheres invejam seriam os benefícios do homem e não propriamente o pênis.

Betty Friedman, autora do manifesto feminista de 1964, critica as feministas americanas radicais em 1981, por terem estabelecido uma tática de luta masculina, e recomenda um estilo mais suave que preserve as particularidades das mulheres. Critica também as manifestações contra a "violência sexual", que acabam vitimizando as mulheres.

Nesse espírito, se consolida na França, nos anos 75-80, um movimento que defende a existência de uma diferença irreduzível da mulher, da qual se deveria cuidar na luta por sua liberação. Algumas psicanalistas freudianas e mesmo inspiradas por Lacan, buscaram escrever a feminilidade fora dos parâmetros masculinos. Lucy Irigaray, Hélène Cixous - citada por Lacan em seu *Seminário 23* - e Michèle Montrelay se destacaram aí.

A discordância de Lacan com estas feministas se baseia na impossibilidade de escrever o feminino enquanto tal. Lacan reconheceu o gozo feminino, porém este não define o conjunto das mulheres nem se inscreve no inconsciente como saber. O aforismo "A mulher não existe" revela a impossibilidade de escrever a mulher, mas também vai contra a igualdade entre os sexos: não existe o conjunto das mulheres.

A partir dos anos 90, Judith Butler e sua teoria *queer*, inaugurada com o livro *Problemas de gênero*¹³, localiza o esforço pós-moderno de desconstruir, não somente a hierarquia do gênero e do falocentrismo, mas também o binarismo homem-mulher. A militância não é mais da mulher, mas das minorias sexuais excluídas. Este esforço de eliminar a diferença sexual e propor o terreno pré-edípico

como ideal para o gozo das pulsões acessível para todas, conflui com o que Miller chama a aspiração à feminidade enquanto aspiração a um gozo sem limites.

Deste modo, me parece importante concluir que se, com a ausência da exceção paterna, há um empuxo ao gozo ilimitado, a posição feminina não é, para nós psicanalistas, uma posição de gozo infinito, mas uma posição não toda. Cada mulher, não todas, terá que encontrar sua própria maneira de lidar com o gozo não todo fálico, encontrando para si um nome ou um sintoma com o qual, como propõe Lacan, ela saiba se virar.

A melhor maneira de enfrentar a violência contra o feminino como hétero, que se dirige às mulheres, não é colocar nelas uma máscara masculina, por um lado, nem fazer delas objetos, vítimas do Outro masculino por outro lado, mas permitir a cada uma encontrar sua maneira de localizar-se como Outra para si mesma.

Tradução: Nelly Lara de Brito

¹ Este texto foi traduzido ao português do original publicado em *Bitácora lacaniana, revista de psicoanálisis de la Nueva Escuela Lacaniana - NEL*, n. 3, outubro de 2014. Buenos Aires: Gramma ediciones, pp 145-154

² miller, j-a. (2005[1996-1997]). *el otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

³ LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 369-370.

⁴ MILLER, J.-A. (abr. 1998). "A criança entre a mulher e a mãe". In: *Opção lacaniana online nova série*, nº 15. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero15/texto1.html> Acesso em: 23/03/2015.

⁵ Designa uma espécie de "matador de aluguel", alguém que é remunerado para cometer um assassinato. A palavra é derivada de *sica*, termo latino para adaga, pequeno punhal. *Sicarius* é um "homem que utiliza a adaga" ou "hoeme-adaga".

⁶ Cf. RAMIREZ, M. E. (2007). *Ordenes de hierro. Ensayos de psicoanálisis aplicado a lo social*, Medellín: La Carreta Editores E.U., p. 63-90.

⁷ LACAN, J. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 807-842.

⁸ MILLER, J.-A. (2004). "Uma fantasia" - Conferência pronunciada no Congresso da AMP, em Comandatuba". Disponível em: <<http://www.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>>.

⁹ LACAN, J. (1998/1960[1958]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 734-745.

¹⁰ FREUD, S. (2012[1933]). "A feminilidade - Conferência 33". In: *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 15-48.

¹¹ MILLER, J.-A. (2010-2011). *Curso de orientação lacaniana III, 13: L'Être et l'Un*. Inédito.

¹² FUENTES, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes - Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum.

¹³ BUTLER, J. (2012[1990]). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.